

TEM DÓI-DÓI?
CRIAÇÃO COLETIVA
A PARTIR DE *O FIO DAS MISSANGAS*, DE MIA COUTO

CONTOS EM QUE SE BASEIA:

O CESTO

O RIO DAS QUATRO LUZES

MEIA CULPA, MEIA PRÓPRIA CULPA

O PEIXE E O HOMEM

ATRIZ:

Pela milésima vez me preparo para ir visitar-te ao hospital. Passo uma água pela cara, penteio-me com os dedos, endireito o eterno vestido. Há muito que não me detenho no espelho. Sei que se me olhar não reconhecerei os olhos que me olham. Tanta vez já fui à visita hospitalar que eu mesma adoeci. Não foi doença cardíaca, que coração, esse, já não o tenho. Também não foi mal de cabeça porque há muito que embaciei o juízo. Vivo num rio sem fundo. Os meus pés de noite levantam-se da cama e vagueiam para fora do meu corpo. Como se afinal tu continuasses a dormir a meu lado e eu me retirasse para outro quarto a meio da noite, como sempre fiz.

Hoje será como todos os dias: falarei contigo, junto ao leito, mas tu não me escutará. Não é essa a diferença. Tu nunca me escutaste. A diferença está na marmitta, que adormecerá sem préstimo na sua cabeceira. Antes, devoravas os meus preparados. A comida era onde eu não me via recusada.

Olho em redor: não mais a mesa posta te aguarda, pontual e perfumosa. Antes, não tinha horas minhas. Agora perdi o tempo. Debico em qualquer altura, encostada a um canto, sem toalha nem talheres. Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. Só tenho um caminho: a rua do hospital. Vivo só para um tempo: a visita. A minha única ocupação é o cesto quotidiano onde embalo os presentes para te levar.

Ao meu homem fizeram uma transfusão de sangue. Para mim, o que eu queria era uma transfusão de vida, o riso a entrar-me na veia até me engolir, cobra de sangue que me conduz à loucura.

Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma. Mas o não haver conversa criou outro laço entre nós. Agora, pelo menos, já não sou corrigida. Já não recebo enxovalhos, ordens para me calar, para abafar o riso.

Já me ocorreu trocar a fala pela escrita. Em vez de um monólogo, escreveria cartas. Nas cartas, tu ganharias distância. Mais que distância: ausência. No papel, permitir-me-ia dizer-te tudo o que nunca ousei. Nessa carta, ganharia coragem e proclamaria:

- Tu, marido, enquanto vivo impediste-me de viver. Não me vais fazer gastar mais vida, fazendo demorar infinitamente a despedida.

Regresso a mim, ajeito no fatídico cesto o farnel do dia, fazendo de conta que tu me irás receber de riso aberto e apetite devorador. Já estou de saída para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e contemplo-me como nunca antes fizera. E descubro a curva do corpo, o meu busto ainda hasteado. Toco o rosto e beijo os dedos. O cesto cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma.

Então uma força aproxima-me do armário. Retiro dele o vestido preto que me ofereceste há vinte e cinco anos. Vou ao espelho e cubro-me, requebrando-me numa dança imóvel. As palavras desprendem-se de mim, claras e nítidas:

- Estou ansiosa que tu morras, marido, para estrear este vestido preto.

O espelho devolve-me a minha antiquíssima vaidade de mulher, essa que nasceu antes de mim e a que eu nunca pude dar brilho. Nunca antes eu tinha sido bela. Nesse instante, confirmo: o luto vai bem com os meus olhos escuros. Agora, reparo: afinal, nem envelheci. Envelhecer é ser tomado pelo tempo, um modo de ser dono do corpo. E eu nunca amei o suficiente. Fiquei sem idade, como a pedra que não tem espera nem é esperada.

E experimento, em vertigem, pose e lágrima. No funeral, o choro será assim, queixo erguido para demorar a lágrima, nariz empinado para não fungar. Dessa feita, marido, não serás tu, mas serei eu o centro. A tua vida apagou-me. A tua morte me fará nascer. Oxalá tu morras, sim, e quanto antes.

Deponho o vestido preto na mesa da sala, bato a porta e saio rumo ao hospital. Pela primeira vez, há céu sobre a minha casa. Na berma do passeio, sinto o aroma dos franjipanís. E só agora reparo que nunca te cheirei. Nem sequer o meu nariz alguma vez amou.

Na entrada da enfermaria, o milésimamente mesmo enfermeiro me aguarda. Uma sombra espessa-lhe o rosto. Diz-me:

- O seu marido morreu. Foi esta noite.

Eu estava tão preparada, aquilo já acontecera tanto, que nem procurei amparo. Depois de tanta espera, eu já queria que sucedesse. Mais ainda depois de descobrir no espelho essa luz que toda a vida se sepultara em mim.

Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava.

Ao contrário de um alívio, porém, acontece-me o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em vez do queixo altivo, do passo estudado, desalinho-me em pranto. Regresso a casa pela rua fúnebre, passo desgrenhado, num cortejo solitário. Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu.

Na sala, corrijo o espelho, tapando-o com lençóis, enquanto vou decepando às tiras o vestido preto.

Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o cesto da visita.

TEXTO 2 (A PARTIR DE «O RIO DAS QUATRO LUZES»)

ATOR:

Ao ver passar o cortejo fúnebre, o menino disse:

- *Mãe: eu também quero ir numa caixa daquelas.*

A alma da mãe estremeceu na mão do miúdo. O menino sentiu esse arrepio, como uma descarga da alma na corrente do corpo. A mãe puxou-o pelo braço e repreendeu-o:

- *Nunca mais digas isso* - um esticão a enfatizar cada palavra.

- *Porquê, mãe? Eu só queria ir a enterrar como aquele morto* – respondeu o menino.

- *Estás a ver? Disseste outra vez* – repreendeu a mãe.

Ele sentiu a angústia na sua mãe já vertida em lágrimas. Calou-se, guardado em si. Ainda olhou para o desfile com inveja: ter alguém assim que chore por nós, quanto vale uma tristeza dessas?

À noite, o pai foi visitá-lo na penumbra do quarto. O menino suspeitou: nunca o pai lhe dirigira um pensamento. O homem começou por uma tosse solene, anunciando a seriedade do assunto. Que a mãe o informara sobre os seus comentários soturnos no funeral. O que se passava, afinal?

- *Eu já não quero ser criança* – explicou o menino.

- *Como assim?* – perguntou o pai.

- *Quero envelhecer rapidamente, pai. Ficar mais velho do que tu.*

De que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Por que nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta e medida.

- *Meu filho* – disse, então, o pai -, *tens que gostar de viver. Deus deu-nos esse milagre. Faz de conta a vida que é uma prenda.*

Mas o menino permanecia em desistência de tudo. Sem nenhum portanto nem consequência. Até que certa vez decidiu visitar o avô. Ele certamente o escutaria com mais paciência.

- *Avô, o que é preciso para se ser morto?*

- *É necessário ficar nu como um búzio* – respondeu o avô.

- *Mas eu estou nuzinho tantas vezes...*

- *Tem que se ser leve como a lua* – respondeu então o avô.

- *Mas eu já sou levezinho como a ave penugenta.*

- *É preciso mais: é preciso ficar-se escuro na escuridão* – respondeu o avô.

- *Mas eu já sou muito escurinho. Escuro como sou, nem de noite me distingo do pirilampo avariado.*

Então o avô propôs-lhe um negócio. As leis do tempo fariam prever que ele fosse retirado primeiro da vida. Pois ele falaria com Deus e requereria mui respeitosa e que se procedesse a uma troca: que o miúdo falecesse no lugar do avô.

- *A sério, avô? Vais pedir isso por mim?* - perguntou então o menino.

- *Juro, meu filho. Eu amo demais viver. Vou pedir a Deus.*

E ficou combinado e jurado. A partir daí, o menino visitava o avô com a ansiedade do capuchinho vermelho. Desejava saber se o velho não estaria atacado de doença, falho no respirar e com o coração gaguejado. Mas o avô continuava direito e são.

- *Tens rezado a Deus, avô? Tens-lhe pedido consoante o combinado?*

O avô respondia sempre que sim, que tinha endereçado os requerimentos combinados, mas que esperava deferimento, ensinado pela paciência. E dava-lhe este conselho: ele que, entretanto, fosse menino, distraíndo-se nas brincadeiras. E contou-lhe os lugares secretos da sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O

menino, sem saber, iniciava-se nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço acriançava-se, convertido em menino. E assim foi sendo.

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar a sós com os pais da criança. Então o velho explicou: a criancice é como o amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, tornarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecerem ao tempo, esquivarem-se do corpo e do juízo. E concluiu:

- Esse é o milagre que um filho oferece - nascermos noutras vidas.

E acrescentou:

- E agora vou-me embora, porque senão ainda adormeço com as minhas próprias palavras.

- Fique, pai – disse-lhe o pai do menino.

E o avô respondeu:

- De tão velho, sou como o cigarro: adormeço na orelha.

Ergueu-se e, na soleira, rodou como se tivesse sido assaltado por um pedaço de lembrança. Acorreram em aflição. O que se passava? O avô serenou: era apenas cansaço. Os outros insistiram, sugerindo exames médicos.

- O pai vá e descanse com muito cuidado – aconselhou o pai do menino.

E o avô respondeu:

- Não são esses os cansaços que me pesam. Pelo contrário, agora ando mais celestial do que uma nuvem. Esta fadiga é fala de Deus, mensagem que estou a

receber na silenciosa língua dos céus. Estou a ser chamado. Quem sabe, meus filhos, se esta é a nossa última vez?

O casal recusou despedir-se. Acompanharam o avô a casa e sentaram-no na cadeira da varanda. Era ali que ele queria repousar. A olhar para o rio, lá em baixo. E ali ficou, em silêncio. De repente, viu a corrente do rio inverter a direcção. E disse:

- Viram? O rio já se virou.

Sorriu. Estava confirmado o improvável vaticínio. E então cedeu às pálpebras. O seu sono ficou sem peso. Antes, ainda murmurou no ouvido do seu filho:

- Diz ao meu neto que eu menti. Nunca fiz pedido nenhum a nenhum Deus.

Não houve necessidade da mensagem. Longe, na residência do casal, o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo. E os seus olhos intemporaram-se em duas pedrinhas. No leito do rio afundaram-se quatro luzes. O rio das Quatro Luzes.

TEXTO 3 (A PARTIR DE «MEIA CULPA, MEIA PRÓPRIA CULPA»)

ATOR:

Nunca quiseste: nem muito nem parte. Nunca foste tu: nem dona nem senhora. Sempre ficaste entre o meio e a metade. Nunca passaste de meios caminhos, meios desejos, meia saudade. Daí o teu nome: Maria Metade. Se ao menos te tivesse calhado um homem completo, uma pessoa acabada. Mas não, coube-te a metade de um homem. Diz-se na gíria: a minha cara-metade. Pois ele, nem teu nem cara.

Ao teu esposo chamavam Seis. Desde nascença que nunca ascendeu a pessoa. Em vez de nome puseram-lhe um número. O algarismo dizia toda a sua vida: largava às seis, retomava às seis. Seis irmãos, todos falecidos. Seis empregos, todos perdidos. E acrescento um segredo: seis amantes, todas actuais.

Das poucas vezes que falou contigo, nunca para ti olhou. Estás ainda por sentir os seus olhos pousarem em ti. Nem quando lhe pediste, num momento de amor, que te desaguasse uma atenção. Retorquiu:

- Tenho mais onde gastar o meu tempo.

Certa vez, engravidaste. Mas foi semiprenhez: desconcebeste em meio tempo, meio sonho, meia esperança. Depois do aborto, reduzida a ninguém, o teu sofrer foi ainda maior. Sendo metade, sofria a dobrar.

Querem estes senhores que relates o sucedido. Mas tu não confias a verdade a ninguém. A verdade é luxo de rico. A vós, menores de existência, resta-vos a mentira. És pequena: a tua força vem da mentira. A tua força é uma mentira. Por isso mentes até a Deus. Sim, mentes-Lhe a Ele. Afinal, Deus trata-te como o teu marido: um nunca te olha, o Outro nunca te vê.

Agora, aquilo a que aspiras é a ficar na sombra perpétua. Condenada pelo crime maior de teres apunhalado o teu marido, esse a quem prestaste juramento de eternidade. É por causa desse crime que estás aqui, não é assim?

Mas aqui, nesta prisão, já não sofres tanto quanto sofrias antes. É que aqui acabas por sair mais do que lá na tua terra natal.

E onde vais? Sais pelo pé do teu pensamento. Por via da lembrança, regressas ao Cine Olympia, na tua cidade de outros tempos. Sim, porque depois de matar o Seis voltaste a ganhar acesso às tuas lembranças. E assim cada noite voltas à matiné das quatro da tua meninice. Não entravas no cinema, que te estava interdito. Tinhas o rosto errado, a idade errada, a vida errada. Mas ficavas no outro lado do passeio, a assistir ao riso dos alheios. Era lá que sonhavas. Não sonhavas ser feliz, que isso era demasiado para ti: sonhavas para te sentires longínqua.

Depois regressavas a casa, a horas, mas entravas em casa pelas traseiras para não chorares diante dos olhos sofridos da tua mãe. Depois voltavas a sair do quarto, olhos recompostos, fingindo uma alegriazita. A tua mãe apercebia-se do teu estado de desembrulho sem prenda. E aconselhava-te:

ATRIZ:

- - Sonha com cuidado, Mariazita... Não te esqueças, tu és pobre. E um pobre não sonha tudo, nem sonha depressa.

A vantagem da prisão é que todos os dias são domingo, todas as horas são de matiné das quatro.

Pouco restou da minha cidadezinha. Onde era terra sem gente ficou gente sem terra. Onde havia um rosto, hoje há poeira. Nem a chuva tem onde repousar. E a cidade foi-se assemelhando a todas as outras. A única memória que me resta é a migalha de um tempo, o único tempo que me deu sonhos. Sob a vigilância da minha velha mãe, eu cuidava de não sonhar tudo, nem depressa. Ainda que

fossem metades de sonhos, esses pedaços ainda me adoçam o sono, aqui deitada no frio da cela.

Os senhores não estão aqui por mim, mas pela minha história. Isso eu sei.

Querem saber como sucedeu?

Foi numa tarde de cinza, daquelas em que o céu desce abaixo das nuvens. Eu pretendia revirar a página de um livro despedaçado: descosturar-me desse Seis, o meu marido. Queria ver-me separada dele para sempre, até a morte nos perder de vista. Até não ser possível morrermos mais.

Fui recebê-lo à porta, a roupa meia abotoada, o punhal escondido na minha mão. Chovia de lavar o céu. Brinquei, provoquei, mostrei o cinto distraído, desapertado. Provoquei com o perfume que a minha vizinha me emprestou.

- *Queres-me molhada pela chuva* – disse eu.

- *Quero-te é mais molhada que a chuva* – respondeu ele.

Então, quase derrapei na minha decisão: é que pela primeira vez o meu marido olhou para mim. O seu rosto emoldurou-se e é esse o único retrato que guardo comigo. Mas o gesto já estava fadado na minha mão e, num abrir e fechar de olhos, o meu Seis, que Deus o tenha, o meu Seis estava no chão, decorado com sangue.

Relatei-vos o sucedido, tudo da minha autoria. Mas não confesso um crime, senhores. Não. Afinal, não fui eu que lhe tirei vida. A vida, a bem dizer, já não estava nele. O que sucedeu, sim, foi ele tombar sobre o punhal, tropeçando na

sua bebedeira. Não o matei. E disso tenho pena. Porque esse assassinato me faria sentir inteira. Por agora, prossigo metade, meio culpada, meio desculpada. Por isso vos peço: ajudem-me numa mentira que me dê a autoria da culpa. Uma culpa inteira, uma razão inteira para ser condenada. Por maior que seja a pena, não haverá castigo maior que a vida que já cumpri. E agora, por amor dessa mentirosa lembrança, abra-se a porta do Cine Olympia. Para eu finalmente espreitar essa luz que vem de trás da máquina de projectar, mas que nos surge sempre pela frente. Já se vê, ali na tela, o meu homem, esse a quem chamam Seis. Veem como ele agora está a olhar para mim no escurinho da sala? Só para mim, só para mim, só.

TEXTO 4 (A PARTIR DE «O HOMEM E O PEIXE»)

ATRIZ:

Um dia destes, quando saía de casa, deparei com o meu vizinho Jossinaldo. Estava no patamar, como que à minha espera. Dos braços cruzados, espreitava uma trela. Arrepiei-me. Eu sempre o tinha evitado, por causa dos ditos e desditos. O homem era conhecido pelo que fazia no parque: levava um peixe a passear pela trela. Caminhava na margem do lago, segurando a trela. No extremo da fita de couro estava amarrado, pela cauda, um gordo peixe. Jossinaldo era, em geral, tido por enfeitado: a cabeça do coitado, diziam, cabia toda num chapéu. E acresce que o temiam, sem outro fundamento para além da estranheza do seu fazer.

E agora lá estava ele, a tira pendente como uma língua que lhe emergia do corpo. Já eu remastigava uns apressados bons dias quando o vizinho se me interpôs e esticou o braço na minha direcção.

- Peço-lhe este favor!

Estremeceste, receoso. Que favor? E era esse mesmo o obséquio: o de ires tu substituí-lo no passeio ao peixe. Esquivaste-te, mas o homem não desistiu. Explicou-te que estava a sentir-se doente, desvanecente e que o peixe do lago não podia ficar órfão, sem ninguém para o conduzir na fluência das águas.

- Por amor, não recuse! – disse ele.

Então, foste saindo de casa e caminhando ao mesmo passo do afamado vizinho, lado a lado. Na rua olhavam-te, surpresos: então tu autorizavas a companhia do proscrito, em plena via pública? Debaixo dos olhares, lá se dirigiram para o parque e pararam junto ao lago.

- Veja como ele vem a correr! – disse-te Jossinaldo.

E era a maior verdade. O peixão, à vista do vizinho, aproximou-se da berma. Jossinaldo debruçou-se e enlaçou a trela à volta da cauda do animal.

- Vá, pegue na trela para ele se familiarizar consigo. – disse-te Jossinaldo.

ATOR:

Com o coração de fora, lá segurei na corda. O bicho veio à superfície da água e olhou-me com olhos (até me custa descrever)... com olhos de gente. E

remergulhando conduziu-me ele a mim pela margem. Contornei por inteiro a lagoa para me reencontrar com Jossinaldo.

- *Deixe-me despedir dele!* – disse ele, então.

Ajoelhado sobre as águas, o vizinho disse palavras que não eram de língua nenhuma conhecida. Ficou (tenho medo de dizer) a conversar com o peixe. Depois ergueu-se, com as lágrimas a escorrer, e apertou-me as mãos. Não falou. E retirou-se em silêncio.

Sou eu agora quem, pela luz das tardes, passeia o peixe do lago. À mesma hora, uma misteriosa força me impele para cumprir aquela missão, para além da razão, por cima de toda a vergonha. E chegam-me as palavras do vizinho Jossinaldo, ciciadas no leito em que desfalecia:

- *Não existe terra, existem mares que estão vazios.*

Dentro de mim, vão nascendo palavras líquidas, num idioma que desconheço e me vai inundando todo, inteiro.